

Domingo e Segunda-feira, 5 e 6 de abril de 1959

CIDADE. HOMENS & bichos

"O PÁTIO" DE GLAUBER

SEM TARIMBA de crítico de cinema, apenas na minha velha e mediana condição de espectador, entretanto desejo e posso falar de "O Pátio", filme experimentalista de Glauber



Rocha. Nem tanto para dizer genial; nem tanto para dizer péssimo. Mas não terei receios em considerá-lo uma sugestão do inegável talento do seu autor; uma originalidade sem ridículos e uma ousadia que se limita da rebeldia anarquista ao misticismo da natureza. Sobretudo aí é que o apreciei. Glauber mostra, com sua imagem nervosa e embriagadora, uma profunda e doce sensibilidade pelo vasto mar-oceano, o amplo céu e as espadas verdes das folhas de bananeiras. Igualmente soube tirar o máximo do preto e branco dos retângulos no chão do pátio. — (é Rei meu Senhor

quem é dono do pátio) — e dos ombros, do pescoço, das mãos, dos olhos e das faces do rapaz e da moça, que se querem, mas não se fazem homem e mulher.

Contudo, embora sentindo certas belezas no filme, fiquei triste. Não que o considere agressivo, pela música de sons estridentes, vozes misturadas, suspiros e gemidos de animais fantásticos; ou que o considere monótono, pela lentidão da narrativa e pela volta à mesma busca e à mesma covardia física, — mas, porque não é uma aragem de saúde, não é um sol de vigor; é uma perversão do que é simples, e, por ser simples, belo e eterno.

Um jovem e uma jovem — (rapaz em primo canto, moça botão-e-rosa) — um pátio nupcial, o mar-oceano, o céu, as nuvens, a terra fértil e gritando fecundação, longe a curva da baía de Todos os Santos, — cenário, quadros e personagens para o calor do que existe de mais humano, completo e lindo, que é o amor total. Ao invés, — a perversão da falsa castidade dos onanistas.

Estimando em Glauber Rocha um jovem talentoso, acreditando nas suas imensas possibilidades, seja no cinema, seja na literatura, todavia não me sentiria livre e bem, caso não esclarecesse essas minhas restrições. Que são unicamente restrições humanas. Enfim, no amor, como em tudo (mais até), a compreensão perfeita só se consegue com a prática, a boa e continuada prática, que é a única garantia para a melhora do estilo. — LUÍS HENRIQUE.